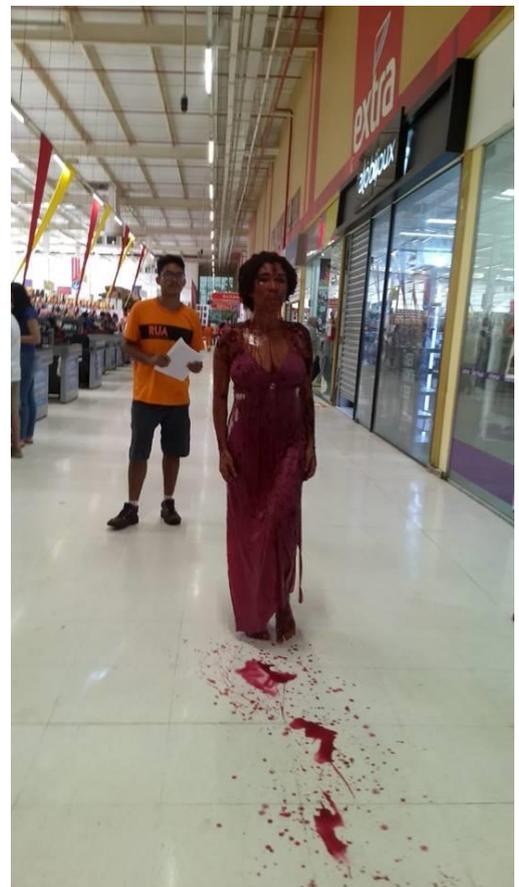




Banho de Sangue ...

... é a exposição de meu corpo de mulher negra como um manifesto errante e radical, inserido em uma sociedade onde a morte das minorias é o principal projeto político do Estado. Revela uma única ação, arte, militância e ativismo nesse tempo de regressão histórica em que vivemos.

O meu desafio é dançar banhada em sangue para ir de encontro à barbárie sobre os corpos das minorias no Brasil. O sangue exposto intenta recuperar a humanidade dos corpos desconsiderados, envolvidos em preconceitos. Estes são meticulosamente construídos pelo sistema capitalista escravista que sobrevive na contemporaneidade e segue construindo relacionamentos nos quais esse corpo é categorizado sob o amparo de um discurso de sub-humanidade.



Corpos negros. Corpos mulheres cis. Corpos mulheres trans. Corpos mulheres lésbicas. Corpos homossexuais. Corpos não-binários. Corpos indígenas. Corpos moradores de rua. Corpos moradores de vilas ou favelas. Corpos imigrantes. Corpos idosos. Corpos deficientes. Corpo indefinidos. Corpos outros. Corpos que não interessam podem ser arrastados nas ruas como animais, sufocados, rasgados, esfaqueados, desnudos, desrespeitados, agredidos e mortos pelo próprio estado. Corpos brasileiros banhados em sangue.



Danço o extermínio desses corpos e eles dançam comigo. Minha dança é, dentre outras coisas, um argumento inadequado. Pretendo mesmo que seja, que emporcalhe, que bagunce, que torne inviável e improdutivo o lugar em que danço.



Concepção e performance: Luzia Amélia – Fotos: Tássia Araujo